

PABLO ALABARCES*

VINTE ANOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E ESPORTES, DEZ ANOS DEPOIS

Em 2002 eu apresentei um texto que fazia uma revisão crítica dos 20 anos da produção acadêmica a partir das perspectivas das disciplinas sociais. A fundação de Alesde e a oportunidade de publicar a primeira revista continental dedicada às leituras socioculturais do esporte são uma boa oportunidade de rever algumas dessas alegações. Vinte anos se passaram, e quase mais dez se passaram hoje. Então, quero propor uma nova revisão crítica das novidades do campo nesta década, para incorporar algumas das direções para estes estudos, que ainda acho possíveis. Com uma exceção: se, como eu disse, há dez anos era possível saber tudo, agora é impossível.

Palavras-chave: *ciências sociais; esporte; balanço.*

* Licenciado em Letras (UBA), Mestre em Sociologia da Cultura (Idaes-Unsam) e Doutor em Filosofia (University of Brighton). Professor titular da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidad de Buenos Aires (UBA), e Investigador Independente do Conicet no Instituto Gino Germani. Professor de graduação e pós-graduação, tem inúmeros trabalhos publicados, destacando-se *Fútbol y Patria* (2002), *Futbologías* (2003) e *Crónicas del aguante* (2004).

No ano de 2002 apresentei, na reunião anual da Anpocs (Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais), um texto no qual propunha um balanço crítico dos 20 anos de produção acadêmica, a partir das perspectivas das disciplinas sociais (ALABARCES, 2005).¹ A escolha da data era simples: consistia em considerar “O Universo do Futebol”, organizado por Roberto DaMatta em 1982, como o ponto de partida de uma série de trabalhos que, com maior ou menor destaque, contribuíram para a invenção definitiva de um campo de estudos neste subcontinente. Haviam se passado 20 anos redondos, ainda que um otimismo exagerado – ou simplesmente a pressa em enviar o texto – me levou a intitulá-lo erroneamente como “Trinta anos de esporte e Ciências Sociais”.

Com a devida correção, este texto se expandiu e se difundiu em distintas versões (maiores ou mais reduzidas) e em diferentes publicações: a primeira delas no *Boletim Bibliográfico da Anpocs* (BIB), que privilegia este tipo de balanços para a sua edição, e a última no volume que Samuel Martínez López organizou para inaugurar a apresentação da intensa produção mexicana da última década (MARTÍNEZ LÓPEZ, 2010). Neste volume, precisamente, indicava como minha leitura inicial havia ficado profundamente desatualizada. Na primeira versão, minhas referências mexicanas eram muito pobres: conhecia o trabalho de Roger Magazine, que ainda não havia editado sua etnografia dos torcedores “fanáticos” dos Pumas da UNAM (MAGAZINE, 2007); conhecia alguns poucos artigos publicados por Enrique Guerrero e Claudia Benassini; não havia encontrado ainda – foi publicado em 2001 – o livro de Andrés Fábregas Puig sobre os fãs do Chivas de Guadalajara, “Lo sagrado del rebaño”, de nova e indispensável reedição (FÁBREGAS, 2011). E faltava, claro, o que o volume de Martínez López coloca em cena: uma enorme produção recente, em apenas cinco anos de esforços a partir da Diplomatura que organizou na Universidad Iberoamericana do México.

Naquele ano de 2002, havia sido recém-concluída a experiência do Grupo de Trabalho Esporte e Sociedade da Clacso (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais), que nos havia permitido o conhecimento completo da, até então, breve produção latino-americana. Eram tempos nos quais um único pesquisador podia aspirar a revisá-la completamente: e não falo de minha própria experiência, mas da que Joseph Arbena havia conseguido realizar em um volume editado poucos anos antes e com a capacidade

¹ Este artigo foi, originalmente, uma conferência apresentada no Congresso Internacional da Rede de Pesquisadores sobre esporte, cultura física, ócio e recreação, realizado em Hermosillo e organizado pela Universidad de Sonora (México), em maio de 2011. As notas feitas para a conferência, além das discussões posteriores, são a base deste texto. Devo agradecer a cordialidade dos sonorenses, assim como a infatigável amizade de Samuel Martínez López e Miguel Ángel Lara Hidalgo, da Universidad Iberoamericana da Cidade do México, organizadores do congresso e de tantas outras atividades para as quais me convidaram.

adicional de expandir os limites disciplinares – Arbena não limitou sua exploração das Ciências Sociais, incorporando as humanidades e também alguns materiais jornalísticos de relevância (ARBENA, 1999). Eu mesmo pretendia conhecer – era uma ilusão, mas uma ilusão possível – toda a produção acadêmica e boa parte da literária: a jornalística, obviamente, era inatingível, ainda que pelo menos conhecesse os principais autores argentinos e brasileiros (Borocotó e Panzeri, Néelson Rodrigues e Mario Filho). Uma ilusão possível: a experiência do Grupo de Trabalho do Clasco tinha possibilitado que eu explorasse o campo em todo o continente – buscando ampliar a representação do Grupo a todos os países, superando a sobre-representação argentino-brasileira de suas origens, e simultaneamente receber, durante anos, os trabalhos de uma crescente quantidade de jovens investigadores a quem a existência do Grupo motivava a que saíssem da clandestinidade.

Metáfora política, mas muito descritiva: naqueles anos a utilizamos para descrever um campo que era nascente e necessariamente periférico, mas que, marcado por certa ilegitimidade de um objeto presumivelmente *banal*, preferia a clandestinidade e a margem. Até aqueles anos, pesquisar sobre temas esportivos nos espaços institucionais latino-americanos – as universidades e os centros de pesquisa, não nas casas ou nos bares – enfrentava dois problemas complementares: produzir sem bibliografias prévias – o recurso de buscar ideias naqueles que já haviam percorrido problemas similares – e enfrentar o descrédito e a ilegitimidade dos objetos esportivos nas Ciências Sociais latino-americanas. Possivelmente, a única exceção era o caso brasileiro: após os passos de DaMatta, pela excepcional qualidade de sua Antropologia – muito menos estruturada e mais criativa que, por exemplo, a Argentina – e pela importância de seus departamentos de Educação Física, os colegas brasileiros produziram sistematicamente com um constante crescimento da qualidade e da quantidade, especialmente em suas teses de pós-graduação.

Até há poucos anos, todos os textos dedicados à análise dos esportes a partir da perspectiva das Ciências Sociais na América Latina começavam – e deviam começar – com a mesma e sempre repetida frase: “pouco ou nada se estudou sobre o tema em nosso continente”. No encontro de latino-americanistas no México, durante o 53º ICA, em 2009, um grupo de trabalho dedicou um dia inteiro a discutir artigos dedicados ao esporte a partir de um olhar especificamente antropológico, ainda que não faltassem perspectivas sociológicas, históricas ou da área de Comunicação. A maioria dos trabalhos começava com essa frase lânguida; em poucos casos, espe-

cialmente por razões das respectivas academias nacionais – possivelmente o Uruguai continua sendo o caso mais notório –, era válido. Mas, na maioria, esta frase soava como uma desculpa mais ou menos ampla para reiterar descobertas ou repetir proposições que já tinham sido ditas até a saciedade. Isto também ocorre, como indiquei, no caso uruguaio, que pelo menos tem à disposição uma abundante produção brasileira e argentina.

Por razões pessoais não participei das convocações acadêmicas seguintes, durante este mesmo ano de 2009: o xxvii congresso da Alas (Associação Latino-americana de Sociologia), nem da VIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), que funciona como um tipo de reunião latino-americana de Antropologia, ambos realizados em Buenos Aires. Nas duas reuniões atuei como coordenador dos grupos sobre esporte e sociedade – embora, como indiquei, sem minha presença física –, o que me permitiu tomar conhecimento do conjunto dos trabalhos enviados: somados ambos os congressos, se reuniram mais de 200 propostas de todo o continente – ainda que com uma sobrerrepresentação brasileira habitual em nossas disciplinas, o que volta a falar da potência de sua academia e, também, da aceitação desta temática em suas Ciências Sociais. Em síntese, ao redor de 250 trabalhos apresentados em três reuniões continentais, em apenas três meses, não se configura como um quadro, precisamente, de ausência. Deveria mesmo, se quisesse ser ainda mais crítico, falar de certa saturação.

O argumento da ausência já não é, portanto, válido e é, ainda por cima, pouco rigoroso. Se temos acordo em marcar a origem destes trabalhos em 1982, estamos falando já de quase 30 anos de produção prolongada e, desde algum tempo, carente da condição clandestina que a marcou até começos desta década. E, ainda que permaneçam (e permanecerão) condenados à periferia da legitimidade acadêmica – nunca uma análise das torcidas colombianas ou da “heroicidade” de Maradona ou Romário ganharão os grandes prêmios disciplinares –², estes trabalhos cresceram em quantidade, visibilidade, solidez e rigor. Afastados do ensaio, apoiados pelas categorias e ferramentas contemporâneas da Sociologia, da Antropologia, da História e dos Estudos Culturais, as investigações sobre esporte e sociedade não precisam mais de introduções queixosas nem de desmentir o velho lema do “moderno ópio dos povos” que as posições dos anos 1960 tinham afirmado.

² Novamente, com a exceção brasileira. No Brasil, o trabalho de Luiz Henrique de Toledo (*Torcidas Organizadas de Futebol*, São Paulo: Autores Associados/Anpocs, 1996) recebeu o prêmio de melhor dissertação de mestrado da Anpocs em 1995. Da mesma forma, o trabalho de Arlei Sander Damo (*Do dom à profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França*, São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007) foi considerado a melhor tese de doutorado defendida no país no ano de 2006, também pela Anpocs. A tese de doutorado de Edison Gastaldo (*A Nação e o Anúncio: a representação do brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*) recebeu um prêmio latino-americano (prêmio Felafacs de Teses de Doutorado em Comunicação) no ano 2000.

Em consequência, a ilusão concentradora, a possibilidade de reunir em um único arquivo ou em uma única biblioteca toda a relação da produção das Ciências Sociais latino-americanas sobre o esporte é, hoje, definitivamente utópica. Na realidade, poderíamos afirmar que o campo sofre uma crise de crescimento. As grandes leituras teóricas já foram confirmadas: seguindo as linhas traçadas por Roberto DaMatta ou por Eduardo Archetti, os dois grandes fundadores deste campo de estudos, a geração seguinte estabeleceu com precisão os grandes marcos de interpretação destes fenômenos. Basta revisar os trabalhos de Simoni Lahud Guedes, Luiz Henrique de Toledo, Ronaldo Helal, Hugo Lovisoló ou Antônio Soares, no Brasil, ou as compilações latino-americanas que coordenamos para o Clacso: ali estão assentadas as bases de discussão que habilitam definitivamente a legitimidade destes objetos – em termos mais amplos os esportes; centralmente o futebol – para a investigação social e, ao mesmo tempo, os marcos desde onde lê-los. O que resta fazer é a produção de trabalhos empíricos locais, regionais ou continentais; o estabelecimento de comparações – a investigação comparada é uma dívida enorme; a abertura de novas áreas de trabalho – a História está em déficit, com a notável exceção de alguns poucos brasileiros e do trabalho solitário de Julio Frydenberg na Argentina. E, a partir destas novas investigações, em uma nova etapa, o campo pode revisar essas grandes linhas teóricas para confirmar sua validade ou para propor sua rediscussão. É difícil que a afirmação “o futebol é importante para as identidades sociais/etárias/de gênero/raciais” possa, a esta altura, surpreender alguém. A questão reside em indagar como, de que maneira, desde quando, em que lugar e com que inflexões. E com que rigor, além disso, se escapa da vulgarização periodística.

O quadro geral da produção bibliográfica latino-americana é, então, complexo, rico e variado. Desde 2002 têm surgido fortes grupos e redes de investigação no México, e na Colômbia se estabeleceu uma primeira tentativa de integração continental (Alesde, Associação Latino-americana de Estudos Socioculturais do Esporte); realizaram-se dezenas de reuniões científicas; doutorou-se uma nova geração de jovens investigadores com teses nas temáticas esportivas – novamente, a grande maioria no Brasil; publicaram-se novos livros – ainda que, é justo assinalar, em sua maioria sejam coleções de artigos. Se Joseph Arbena reeditasse seu *Latin American Sport: An Annotated Bibliography*, a quantidade de páginas seria surpreendente.

Justamente, a aparição da Alesde é uma boa oportunidade, então, para revisar algumas das minhas afirmações de 2002. Vinte anos haviam se passado naquela época, mais dez transcorreram agora. Permitam-me, então, propor uma nova revisão crítica das novidades centrais do campo nesta década que incorpore algumas das direções que ainda entendo como possíveis e não percorridas. Com um adendo: se, como afirmei, há dez anos era factível conhecer tudo, hoje é impossível. Por isso, algumas das minhas afirmações contemporâneas poderiam ser rebatidas com o simples argumento de minha ignorância.

Seguem de pé, obviamente, minhas descrições originais: por exemplo, as referidas ao bloqueio que o tema sofreu na academia latino-americana durante décadas, produto do temor a uma inflexão populista ou por certo esquematismo esquerdista – o mito do “ópio dos povos”. Também os modos com que esse bloqueio foi superado pelo trabalho de Roberto DaMatta e Eduardo Archetti, principalmente. Cabe aqui assinalar que entre estes fundadores deveria aparecer Simoni Lahud Guedes, discípula de DaMatta e que participou no volume inaugural de 1982 e, com eles, José Sérgio Leite Lopes, que na metade dos anos 1980 foi o único latino-americano a atuar no número especial coordenado por Charles Suaud e Jean-Michel Faure para as *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (AA.VV., 1984), dirigidas por Bourdieu. Não em vão, todos eles antropólogos: a partir dessa invenção, a categoria de ritual foi, por muito tempo, um farol ordenador dos olhares sobre este tema.

Ao mesmo tempo, a inflexão antropológica permitiu desconstruir o mito do “ópio”: da mesma forma que fez com as religiões, o trabalho etnográfico permitia comprovar a distância entre a ilusão alienante e a prática significativa dos nativos. Em seu trabalho de 1982, DaMatta demolia definitivamente esta pretensão, ainda que a necessidade de radicalizar o debate o levasse, durante um tempo, a posições antimarxistas. No congresso da Lasa de Chicago, em 1998, em um painel organizado por Jeffrey Tobin, antropólogo norte-americano, discutimos com DaMatta e Arbena as linhas que estavam sendo desenhadas nas investigações naquele momento. DaMatta ainda estava convencido de que o mito da alienação continuava dificultando a investigação latino-americana, enquanto em minha opinião este obstáculo estava superado – entre outras razões porque o marxismo havia perdido peso na organização teórica e metodológica de nossas disciplinas e por isso, justamente, devíamos recuperar algumas de suas posições, ainda que rediscutindo a noção de alienação em relação

ao esporte. Nesse mesmo ano, no prólogo com o qual acompanhou nosso *Deporte y Sociedad* – a primeira coleção argentina produzida na universidade e dedicada integralmente a este objetivo –, Archetti lamentava o bloqueio que estes estudos tinham sofrido e o peso excessivo que ainda possuíam as posições mais apocalípticas – no sentido clássico que Eco associava às interpretações sobre a cultura de massas devedoras da teoria crítica. Frente a este panorama, a agenda que Archetti propunha já estava se tornando legítima e guiaria a década seguinte: a centralidade do jogo como zona de liberdade e criatividade, a necessidade de ler as apropriações socialmente diferenciadas das práticas esportivas, os processos de construção de identidades e a violência como fenômeno complexo. E tudo isso com “um esforço teórico mais sofisticado e uma paixão pelas análises empíricas” (ARCHETTI, 1998, p. 12).

Desde 2002 até hoje o aumento dos estudos em todo o subcontinente teve um caráter explosivo, mas com diferenças locais muito marcantes, que tento revisar aqui. No caso argentino, se multiplicaram as teses de mestrado e doutorado, sendo elas principalmente antropológicas, muito especialmente as de José Garriga Zucal e María Verónica Moreira, que têm trabalhado tanto os fenômenos das chamadas *barras bravas* – que, como os colegas assinalam, não são termos nativos – como as relações complexas entre as identidades locais, as práticas desses torcedores e as redes territoriais políticas e sociais. Têm surgido núcleos acadêmicos novos, centralmente o que organiza Julio Frydenberg na Universidad Nacional de San Martín (Centro de Estudos do Esporte), reunindo jovens investigadores, antropólogos, assim como sociólogos e historiadores como o próprio Frydenberg, que, por sua vez, acaba de publicar seu brilhante *Historia social del fútbol* (FRYDENBERG, 2011), além de um incansável trabalho como organizador de coletâneas (FRYDENBERG; DASKAL, 2009). Na Universidad Nacional de La Plata estão surgindo novos grupos, tanto em torno dos estudos em Comunicação quanto em Sociologia, Antropologia e Educação Física. A nova produção está crescendo em todo o país, entre outras razões pelo desenvolvimento da pós-graduação argentina e, dentro dela, pelo surgimento de programas de mestrado em Educação Física, o que permitiu a recente realização de um encontro nacional em La Plata com dezenas de trabalhos apresentados.

Enquanto as Ciências Sociais uruguaias parecem seguir longe desse desenvolvimento, no Chile foram organizados dois núcleos: o mais antigo em torno da atividade de Miguel Cornejo, na Universidad de Concepción –,

com ênfase nas políticas esportivas e na análise institucional –, e o mais recente, ainda que já com uma década de trabalho, situado na Universidad de Iquique e contando com a figura de Bernardo Guerrero – mais ligado aos trabalhos sobre História e identidades locais. Alguns investigadores novos do centro deste país organizaram o Congresso Internacional de Ciências Sociais, Atividades Físicas e Esporte em outubro de 2011, em Valparaíso, o que assinala a expansão destas pesquisas. Do Peru, por sua vez, não têm chegado novas notícias desde os trabalhos fundacionais de Aldo Panfichi sobre violência e identidade na década passada; algo similar ao que aconteceu na Bolívia, onde os maravilhosos textos de Luis Antezana, originais e pioneiros, não tiveram seguidores.

No Equador tem havido uma expansão secreta. Em torno da atividade incansável de Fernando Carrión têm se desenvolvido mais publicações do que linhas e projetos de pesquisa. Ainda quando o objeto não termina de constituir-se academicamente, Carrión editou um objeto único no continente: os cinco volumes de seu *Biblioteca del Fútbol Ecuatoriano*, mais de 1.300 páginas com textos de procedências acadêmicas e periodísticas, publicado pela Flacso em colaboração com outras entidades (Carrión, 2006).

A organização da II Reunião da Alesde, em 2010, na Venezuela, indica uma atividade caribenha que não posso resenhar aqui por completo desconhecimento. Por outro lado, pude conhecer o nascimento e a expansão dos estudos colombianos, inaugurados em 2006 no IX Congresso Nacional de Sociologia e devidos aos jovens pesquisadores reunidos por Gabriel Restrepo na Universidad Nacional e na Universidad Pedagógica. O trabalho dos amigos colombianos desembocou na construção de uma Associação: Asciente, a Associação Colombiana de Investigação e Estudos sobre o Esporte – um caso bastante particular de associação local. Similar, mas de maior envergadura, é o caso da Rede de Investigadores sobre Esporte, cultura física, ócio e recreação mexicana, originada, como já indiquei, dos esforços de Samuel Martínez López na Universidad Iberoamericana de México. Seu recente encontro em Hermosillo, Sonora, em maio de 2011, permite ver o enorme crescimento da nova geração mexicana que, como no caso argentino, se vê respaldada pela integração e participação dos departamentos de Educação Física. A edição do volume já sinalizado (MARTÍNEZ LÓPEZ, 2010) permite ver um trabalho amplo e seguro, com certa ênfase nos meios de comunicação, a educação física e o questionamento sobre as identidades locais. Como também indiquei anteriormente, a produção mexicana tem dois livros com ênfases etnográficas insubstituíveis: o de Magazine na Cidade do México e o de Fábregas Puig em Guadalajara (MAGAZINE, 2007; FÁBREGAS PUIG, 2011). A estes, devo somar o recente

volume do sociólogo Arturo Santamaria Gómez, dedicado à relação entre futebol e migração, um fenômeno muito original e analisado de modo brilhante (SANTAMARIA GÓMEZ, 2010).

O caso brasileiro, obviamente, é impossível de sintetizar aqui: sua magnitude excede as possibilidades deste trabalho e me obrigaria a cometer erros, produto das omissões e ignorâncias. Pode-se falar, já, de duas gerações, ainda que os limites entre elas não sejam tanto relativos às idades como ao pertencimento aos grupos fundadores ou aos grupos de discípulos. A tarefa implantada permitiu a estes o seu reconhecimento institucional, tanto nas universidades de todo o país como pelos organismos disciplinares: Anpocs, ABA, SBS e Intercom (respectivamente: as Ciências Sociais em geral, a Antropologia, a Sociologia e a Comunicação). Há mais coletâneas publicadas do que livros individuais, mas essa vasta produção permite ver a continuidade tanto da audácia teórica como da solidez empírica. Têm surgido novos núcleos junto aos já existentes há dez anos: permanece e se expande a produção carioca, no Rio de Janeiro – Hugo Lovisolo, Ronaldo Helal e Antonio Soares, junto a Edison Gastaldo, César Gordon e José Jairo Vieira, entre outros, os quais, além de tudo, incursionaram na intervenção cotidiana e pública através de seu blog Comunicação, Esporte e Cultura (<http://comunicacaoesporte.wordpress.com/>) – e em Niterói, junto a Simoni Lahud Guedes e Luiz Fernando Rojo. Em São Paulo continua sendo central o trabalho de Luiz Henrique de Toledo, assim como é, na Antropologia gaúcha, o de Arlei Damo, e na Educação Física, Marco Paulo Stigger. Mas também se têm implantado núcleos em Pernambuco – em torno de Túlio Barreto e Jorge Ventura; Bauru, no interior paulista, com José Carlos Marques e Jefferson Oliveira Goulart; no Paraná – Wanderley Marchi e Luiz Ribeiro; e no Espírito Santo, com Otávio Tavares.

Esta síntese muito esquemática, repleta de omissões, se enriquece continuamente pela solidez do sistema de pós-graduação brasileira, que implica que boa parte da produção esteja composta por dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado a cada ano. Ao mesmo tempo, assinala uma constante nos congressos de área: a sobre-representação da produção brasileira está marcada pela presença de orientandos e orientadores, às vezes repetidos em excesso quando se revisam as apresentações anuais. O sistema de pós-graduação, quando se combina com os imperativos dos sistemas acadêmicos estáveis – traço especialmente visível nos casos argentino e brasileiro –, que exigem a apresentação extenuante de textos e artigos, produz em muitos casos, para usar uma típica frase argentina, *hinchazón, pero no gordura*.

O certo é que as oportunidades para as apresentações deste tipo são cada vez mais numerosas, e ainda mais se as comparamos com as pequenas possibilidades que existiam há dez anos. Hoje os grandes congressos continentais ou nacionais de cada disciplina incluem um grupo de trabalho sobre estudos do esporte – é o caso da Sociologia na Alas e da Antropologia na ALA e na RAM. Mas, além disso, ocorrem as reuniões específicas, como é o caso das duas já realizadas pela Alesde. As revistas acadêmicas também organizam números monográficos ou dossiês: já o fizeram a *Horizontes Antropológicos*, *Estudos de Sociologia*, *Interseções em Antropologia*, entre outras (incluindo a espanhola *Revista Internacional de Sociología*, tradicionalmente relutante a estas perspectivas). Não se pode dizer, então, que a nova produção não encontre um canal para a sua vazão. Pessoalmente, prefiro a circulação em revistas disciplinares e não temáticas, mesmo que a revista da Alesde seja um contraexemplo: sua aparição será, sem dúvida, muito bem-vinda em todo o campo latino-americano, mas deve pensar com muito cuidado sua relação com outras zonas da produção nas Ciências Sociais, para evitar celebrar a autonomia à custa de seu isolamento.

Não aconteceu o mesmo no nível de graduação e pós-graduação – e aqui sim sou incisivo: afortunadamente. Na graduação só é pertinente a formação específica em Educação Física – mesmo que seja saudável dar cada vez mais atenção às outras Ciências Sociais. No nível de mestrado são abundantes os programas particulares, embora sempre no caso brasileiro e crescentemente na Argentina, mas apenas vinculados à Educação Física. Isto não ocorre no doutorado, e não deveria mesmo ocorrer: um *scholar* exclusivamente formado nos estudos sobre esporte seria impensável. Nossos estudos nasceram e se implantaram com riqueza por estarem vinculados às derivas e às navegações disciplinares e à criatividade e irreverência no interior de uma delas – como ocorreu com a Antropologia, disciplina fundante. A “esportologia” não existe nem deve existir, e prometo resistir a uma improvável aparição. Há 15 anos, na primeira reunião que conseguimos organizar em Buenos Aires, Eduardo Archetti afirmou em sua abertura: “eu não faço futebol, faço Antropologia”. E isto somos, porque isso fazemos: somos antropólogos, sociólogos, historiadores, comunicólogos, especialistas em Educação Física, economistas, politólogos, literatos ou combinações irreverentes de vários destes pertencimentos. Mas jamais “esportólogos” ou “futebólogos” ou “boxeólogos”. O que nos une e nos atravessa são as preocupações pelo social, pelo econômico, pelo histórico, pelo cultural ou pelo político. Ganhar legitimidade e visibilidade é um objetivo destes 20 anos, amplamente conseguido, mas sem renunciar nem

às nossas inscrições disciplinares nem às nossas preocupações maiores. Transformarmo-nos em “esportólogos” não nos acrescenta muito em relação a sermos jornalistas esportivos.

Há dez anos recuperei uma frase de Hugo Lovisolo que conserva toda sua capacidade de advertência:

Se pensamos que a passagem do discurso da dominação e da alienação para o da cultura e da identidade foi positiva, mesmo neste caso poderíamos reconhecer que alguma coisa se perdeu, da qual deveríamos sentir saudade: a “autonomia” da reflexão das Ciências Sociais em sua busca de uma consciência crítica. Na realidade, quando os cientistas sociais começaram a falar de futebol com as categorias organizadoras de cultura e identidade, também começaram, em grande parte, a traduzir, quando não simplesmente a repetir, o que os jornalistas vinham dizendo na linguagem inventada para falar de esportes e, sobretudo, em nosso caso, do futebol [...]. Digamos que o instrumental das Ciências Sociais deveria gerar modalidades diferenciadas de distanciamento, ou se for preferível, simplesmente de maior distanciamento (LOVISOLO, 2001a, p. 10).

A essa advertência devo acrescentar um novo risco: não apenas, como assinalava Lovisolo uma década atrás, o de sobreimprimir nossas leituras às dos jornalistas – que começaram a dialogar conosco, reconhecendo um lugar de *expertise* que devemos seguir aprofundando, insistindo na intervenção no debate público e político com atenção, obviamente, às linguagens dos meios de comunicação de massa para não cair no vício do jargão, assim como à nossa própria linguagem, para não cair no vício complementar da banalidade. Possivelmente este novo risco deriva do nosso êxito: adquirida a legitimidade acadêmica, começamos a ganhar certa legitimidade social como *especialistas*, convocados pelos meios de comunicação diante de cada caso mais ou menos estrondoso do ponto de vista jornalístico – e o esporte os produz aos montes, cotidianamente. Daí a divulgação, mas, também, conseqüentemente, a banalização. Em um comercial veiculado durante a última Copa do Mundo de Futebol, pela televisão argentina, e produzido pela empresa Torneos y Competencias (durante duas décadas, detentora do monopólio das transmissões esportivas locais), uma série de torcedores europeus elogiavam as características particulares – e fanáticas – dos torcedores argentinos. A cada aspecto, os interlocutores afirmavam, como um mantra: *é cultural*. O que a publicidade explícita é a vulgarização do discurso da identidade, mas já não mais como o velho lugar-comum do *reflexo*, e

sim como uma operação simbólica mais sofisticada: a cultura, afirmam, tem muito a ver com o esporte. E ainda que de forma escamoteada, por trás desta afirmação, funciona a referência socioantropológica. Um dia, não muito longe, corremos o risco de que uma publicidade, em alguma Copa no futuro, coloque em cena um antropólogo para que repita o que os publicitários afirmam: este dia teremos nos transformado em mercadoria. E teremos, então, falhado em algo. A tentação da divulgação – e até a do narcisismo – deve colocar-se continuamente a distância, através do exercício permanente da crítica. Para isso somos acadêmicos, quer dizer, investigadores rigorosos e críticos até a antipatia.

As agendas de nossos estudos seguem de pé: devemos continuar falando sobre rituais, jogos, histórias, economias, políticas, violências, heroicidades, corporalidades sociais, como temos feito desde a fundação de nossos estudos até hoje. Mas também falta trabalho em outros rumos e outras perspectivas: por exemplo e de forma central, em uma economia política do esporte latino-americano, que deve diagnosticar os modos de concentração e ampliação dos capitais monopolistas na comunicação de massa, que constroem empórios multimidiáticos e arrasam com os mercados da televisão esportiva. E, também, há uma enorme área aberta na análise das relações entre esporte e política, tanto atualmente quanto em termos históricos, que retire esta análise da vulgata jornalística e de determinada velha reificação manipulatória – as afirmações de Jean-Marie Brohm ou Gerard Viannai sobre o uso político do esporte por parte dos estados nacionais, que têm sido reiteradas sem maior crítica pelo argentino Juan José Sebreli. Em ambas as áreas, é imperiosa a construção de trabalhos empíricos novos e rigorosos, inevitavelmente ligados – se queremos seguir construindo um campo de estudos relevante para nossas sociedades – a interpretações críticas e informadas, em conexão adequada com as categorias e debates contemporâneos nas Ciências Sociais.

Logicamente, isto não esgota uma agenda que pode e deve encontrar, a cada passo, seus desafios e possibilidades. Se fomos capazes de construir um campo onde nada havia, seremos capazes de expandi-lo na medida de todas as suas possibilidades, com o requisito da crítica insubornável e do rigor científico como práticas inalteráveis. Mas, além disso, como sustentei há dez anos, com a pergunta sobre o poder como marco de ferro. Ainda que nos equivoquemos, ainda que naturalizemos as possibilidades críticas e resistentes dos sujeitos nas práticas esportivas – incluídas as dos espectadores – ou, ao contrário, ainda que pensemos a capacidade das

instituições, agentes e regulações como onipotentes e irrefutáveis. Mas, em ambos os casos e em todas as possibilidades intermediárias, formulando sempre a mesma pergunta, que é a pergunta crucial das Ciências Sociais latino-americanas. Já que ganhamos o direito a pertencer a elas, não fuja-mos de suas tradições críticas mais nobres.

ABSTRACT

In mid 2002 I presented a text where I proposed a critical review of twenty years of academic production from the perspectives of the social sciences. The appearance of Alesde and the opportunity of its first journal devoted to sub-continental socio-cultural readings of sport is a great opportunity to review some of these claims. Twenty years had passed then, nearly ten more have elapsed. I want to propose a new critical review of the field's news in this decade, incorporating some of the directions I still understand as possible. With one exception: if, as I said, ten years ago it was possible to know everything, it is now impossible.

Keywords: *Social sciences; sport; balance*

REFERÊNCIAS

- AA.VV.: Les enjeux du football. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 103, n.103, Paris, jun. 1994.
- ALABARCES, P.: Veinte años de Ciencias Sociales y Deporte en América Latina: un balance, una agenda. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 58, São Paulo: ANPOCS, 2. semestre, p. 159-180, 2005.
- ARBENA, J. *Latin American Sport: An Annotated Bibliography*. Westport: Greenwood Press, 1999.
- ARCHETTI, E. Prólogo. In: ALABARCES, P.; DI GIANO, R.; FRYDENBERG, J. (Comps.). *Deporte y sociedad*. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- CARRION M., F. (Org.) *Biblioteca del fútbol ecuatoriano*, v. 5. Quito: FLACSO: Municipio Metropolitano de Quito, 2006.
- DA MATTA, R. (Org.). *O universo do futebol: Futebol e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- FÁBREGAS PUIG, A. *Lo sagrado del rebaño: El fútbol como integrador de identidades*. Zapopán: El Colegio de Jalisco, 2011. (Primera edición 2001).
- FRYDENBERG, J.; DASKAL, R. *Fútbol, historia y política*. Buenos Aires: Aurelia Rivera, 2009.
- FRYDENBERG, J. *Historia Social del Fútbol*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

LEITE LOPES, J.; FAQUER, Jean-Pierre. L'invention du style brésilien. *Actes de la recherche en sciences sociales*. v. 103, p. 27-35, jun., París: EHESS, 1994. (Dossier Les enjeux du football)

LOVISOLO, H.: Introdução. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: Mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001a.

MAGAZINE, R. *Golden and Blue Like my Heart: Masculinity, Youth and Power among Soccer Fans in Mexico City*. Tucson: University of Arizona Press. Hay traducción al español: Azul y oro como mi corazón. Masculinidad, juventud y poder en una porra de los Pumas de la UNAM, México: Universidad Iberoamericana-Afínita, 2008.

MARTÍNEZ LÓPEZ, S. (Coord.). *Fútbol-espectáculo, Cultura y Sociedad*. México: Afínita Editorial y Universidad Iberoamericana, 2010.

PANFICHI, A. (Ed.). *Ese gol existe: Una mirada a Perú a través del fútbol*. Lima: Fondo editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2008.

SANTAMARIA GOMEZ, A. *Fútbol, emigrantes y neonacionalismo*. Sinaloa: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Autónoma de Sinaloa, 2010.